



No picadeiro, a inclusão social: a Escola Circo como prática de democracia cultural na Amazônia¹

Phillippe Sendas de Paula Fernandes²

João Teixeira Lopes³

Universidade do Porto, Porto, Portugal

Universidade Federal do Pará, Belém, Pará

Resumo

Este trabalho busca fazer uma reflexão em torno de dois modelos de concepção de cultura: o modelo hierarquizado e o modelo dos vasos comunicantes, tendo como objeto o projeto Escola Circo, implantado em Belém (PA), no final dos anos 90, com a finalidade de combater a exploração do trabalho e outras formas de violação de direitos de crianças e adolescentes por meio de atividades culturais. Baseado em pesquisa bibliográfica, este artigo apresenta um breve percurso sobre alguns conceitos de cultura (TYLOR, 1967; CRESPI, 1997; GEERTZ, 1973) e também discute as características da chamada democracia cultural (LOPES, 2007).

Palavras-chave: modelo hierarquizado de cultura; vasos comunicantes; democracia cultural; Escola Circo.

À guisa de introdução

Cultura: palavra de intensa carga simbólica presente nos mais distintos discursos de quaisquer sociedades. Entretanto, por vezes, a cultura é bastante simplificada. Festas populares, língua de um país, musicalidade, hábitos alimentares, religião etc. são exemplos de respostas prováveis quando se questiona o que seria cultura. Mas isso vai muito além. O pesquisador António Firmino da Costa (apud LOPES, 2007, p. 57) aponta, segundo a concepção das Ciências Sociais, que a “cultura e o poder são os dois pilares da organização das sociedades e dos processos que nelas ocorrem, dois ingredientes básicos do relacionamento humano, duas dimensões de todas as relações sociais”. Talvez com esta definição tenhamos um pouco da real dimensão do que seja a cultura. Mas, afinal, por que estamos falando disso?

Estas considerações iniciais servem para nos apresentar alguns aspectos que permeiam as discussões a serem desenvolvidas neste trabalho. Uma pergunta nos guia: a concepção de cultura próxima ao modelo dos vasos comunicantes abre caminhos a práticas e políticas culturais associadas à democracia cultural? Só neste tópico lançamos

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Intercom Júnior, evento componente do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado em Belém (PA), entre os dias 1 e 3 de maio de 2014.

² Jornalista recém-formado pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará. Em 2012, realizou intercâmbio acadêmico na Universidade do Porto, Portugal, financiado pelo Programa Santander Universidades. E-mail: psendas7@hotmail.com.

³ Orientador deste trabalho. Doutor em Sociologia da Cultura e da Educação, professor do curso de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. E-mail: jlopes@letras.up.pt / jmteixeiralopes@gmail.com.



mão de alguns conceitos que podem ser familiares a muitas pessoas... ou não. Para tanto, estruturamos este ensaio da seguinte forma.

Em um primeiro momento, buscaremos apresentar algumas concepções sobre o que seria cultura, levando em consideração aspectos teóricos da Sociologia e da Antropologia. Posteriormente, descreveremos as principais diferenças entre os dois modelos de concepção de cultura, ou seja, o modelo hierarquizado de cultura e o modelo dos vasos comunicantes. Por fim, em relação à democracia cultural, de acordo com os conceitos definidos por João Teixeira Lopes (2007), alguns pontos devem ser enumerados para que fique clara a diferença do que se define como democratização cultural e, dessa forma, apresentaremos uma política pública desenvolvida em Belém do Pará, uma das principais metrópoles da Amazônia brasileira, com a proposta de sistematizar a discussão teórica com o caso definido para análise. A metodologia deste trabalho é baseada em pesquisa bibliográfica. É importante ressaltar que, em relação ao projeto Escola Circo, não conseguimos contato oficial com os administradores e responsáveis na época da implantação e realização da política pública. Contudo, informações presentes em artigos disponíveis na Internet servirão de base. Vale ressaltar também que, para este trabalho, não tivemos acesso aos resultados oficiais após a implantação/realização do projeto, no entanto, voltamos nosso foco para a análise da proposta da Escola Circo.

No contexto contemporâneo, em que as relações sociais cada vez mais estão estruturadas no modo de produção capitalista, aponta-se a questão da mercantilização da cultura e, em contrapartida, da culturalização do mercado. Concepções diferentes como as várias que surgiram ao longo do tempo quando o assunto é a cultura. No próximo tópico, apresentaremos algumas dessas definições.

Cultura: de complexo unitário à esfera de construção de significados

No desenrolar da disciplina *Sociedades Contemporâneas, Globalização e Mudança Social*, na Universidade do Porto, ministrada pela antropóloga Maria Alice Duarte, foi nos apresentado um tópico do programa que trabalhava a Antropologia da Globalização, passando pelos diferentes conceitos de cultura. Neste caso, daremos atenção à última parte mencionada.

Como ponto de partida, referimos o antropólogo britânico Edward Burnett Tylor (1871, p. 26) que apresenta a cultura como um “complexo unitário que compreende os conhecimentos, as crenças, a arte, o direito, a moral, os costumes e todas as outras



capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade”. A sua principal obra, *Primitive Culture*, traz uma das primeiras definições do que seria cultura, uma noção presente ainda nos dias de hoje quando se tem a proposta de conceituá-la.

Partindo para o final do século XX, apresentamos o conceito definido pelo antropólogo norte-americano Clifford James Geertz, que trabalha a noção de cultura como um conjunto de significados trabalhados continuamente:

[...] É a teia de significados que o próprio homem tece vivendo em sociedade e que permite aos membros de um grupo interpretar a sua experiência e guiar as suas ações. [...] A cultura tem um caráter público partilhado. É um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio das quais os seres humanos comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as suas actividades em relação à vida. (GEERTZ, 1973, p. 64-6).

Quando falamos em Sociologia da Cultura, Franco Crespi (1997) indica a tendência da área, a partir dos anos 70, de conceber o caráter variado dos chamados significados culturais de uma determinada sociedade, ressaltando então a pluralidade das suas origens:

[...] Enquanto Talcott Parsons concebia a cultura como um sistema relativamente coerente de valores e normas [...], posteriormente, sobretudo devido à influência do sociólogo Pierre Bourdieu [...] e do antropólogo Clifford Geertz (1973), vieram a distinguir-se diversas ordens da experiência cultural, consoante nesta prevaleça a tradição, o senso comum, o saber científico, as componentes ideológicas, a religião ou as formas artísticas. Essas diferentes ordens estão geralmente presentes num mesmo contexto social, e até podem estabelecer confrontos entre si: por vezes, os actores sociais chegam a esse ponto, conforme as exigências contingentes e os problemas práticos que se veem obrigados a resolver. A cultura surge então como um conjunto polivalente, diversificado e frequentemente heterogêneo de representações, códigos, leis, rituais, modelos de comportamento, valores que constituem, em cada situação social específica, um conjunto de *recursos*, cuja função própria surge diferentemente definida consoante os momentos. (CRESPI, 1997, p. 30, grifo do autor).

Por fim, chegamos a noção de cultura como uma esfera de construção de significados abrangendo as práticas que geram significados e as formas materiais que concretizam esses significados. Este conceito é definido pelos pesquisadores Jonathan Xavier Inda e Renato Rosaldo (2001) que apontam também a impossibilidade de pensar a cultura como subordinada a localização, ou seja,



[...] como propriedade natural de populações espacialmente circunscritas, problematizando, portanto, a noção de fronteiras culturais [...]. A proposta de Inda e Rosaldo vai no sentido de pensar o movimento dialético entre *territorialização* e *desterritorialização* para uma percepção contextualizada dos fluxos e movimentos de pessoas e identidades, de forma que há um movimento duplo de transcendência às fronteiras territoriais e a afirmação da insignificância territorial, que eles dominam processo de *reterritorialização*. (RODRIGUES, 2008, p. 18, grifos da autora).

Desterritorializações e reterritorializações: a cultura é constantemente modificada. Não é algo inerte. Da mesma maneira, não se deve considerá-la como algo puro – destacando-se aqui não o aspecto hierárquico, mas o fato de não haver interferências –, as ressignificações são constantes contribuindo para uma diversidade cultural. É importante ressaltar que outras concepções de cultura se estabeleceram, no entanto, para fins deste ensaio, destacamos dois modelos: o da hierarquização da cultura e o dos vasos comunicantes.

Modelos de cultura: hierarquização e vasos comunicantes

A cultura, no caso do modelo hierarquizado, é formada por três níveis: alta cultura ou cultura erudita, cultura média ou de massas e cultura popular ou baixa cultura. O sociólogo alemão Norbert Elias aponta que a hierarquização da cultura surge com o processo civilizacional e tem como base a arbitrariedade cultural, ou seja, uma imposição de práticas culturais como únicas e superiores. Desse modo, os níveis de cultura são incommunicantes, não se relacionam entre si e possuem aspectos diferenciadores bastante definidos, como esclarece João Teixeira Lopes (2007):

[...] Os três níveis de cultura correspondem às sociedades tripartidas que, após a dupla revolução (francesa e industrial), se encontram divididas em três grandes classes (Burguesia, Pequena Burguesia, Proletariado ou classes populares). Aos três grandes níveis de cultura correspondem três públicos, três visões do mundo, três formas de organização social, estanques e incommunicantes. (LOPES, 2007, p. 21).

Neste ponto, pode-se estabelecer uma relação com a noção de arte, objeto de estudo, entre outros, da Sociologia da Cultura. A definição do que é ou não arte vai depender diretamente da noção de campo, baseada no que o sociólogo francês Pierre Bourdieu desenvolveu como Teoria dos Campos – destacando a criação do campo artístico como um subcampo do campo cultural. Sendo assim, as leis do campo que



regem o funcionamento do próprio campo, numa relação entre quem domina e quem é dominado, o que conhecemos como *doxa*, definirá o que seria arte (apud LOPES, 2007).

O modelo hierarquizado de cultura possui três universos de gosto: o gosto legítimo, ligado à estética kantiana e marcado pela nobreza cultural; o gosto médio, sem origem social favorecida, mas com a boa vontade cultural das classes médias; e o gosto popular, ligado a um gosto sujeito às necessidades e aos constrangimentos sociais.

O contexto agora é outro. A noção de desenvolvimento sofre mudanças e o sistema capitalista também se modifica. Com a globalização, a supressão das fronteiras espaço-tempo estabelece novas relações sociais e novas “fronteiras” são formadas. No que diz respeito à cultura, cada vez mais são possibilitadas as interações, as hibridizações como definiu o antropólogo argentino Néstor García Canclini (1997). Como crítica ao modelo de hierarquização da cultura, surge o modelo dos vasos comunicantes. Como o próprio nome sugere, os antes intocáveis níveis de cultura agora comunicam e interagem entre si.

[...] As impurezas e a contaminação culturais intensificam-se, levando, por um lado, aos processos de *sincretismo*, *hibridizações*, *crioulizações*, *politeísmos* e *multipertenças*, e, por outro, à “perda desse monopólio da tendência genérica à reflexão e à auto-reflexão de uma sociedade (ou um ponto de vista). Na verdade, há várias histórias do mundo, várias cosmovisões e formas múltiplas de representar o outro. [...] A homogeneização, na interação e alteridade que a globalização cultural intensifica – ainda que, muitas vezes, baseadas na produção de imagens distorcidas, estereótipos, clichés... – só pode ser concebida como um projecto de poder, de esmagamento, mesmo, todavia condenado ao fracasso”. (LOPES, 2007, p. 37, grifos do autor).

O mundo contemporâneo com suas alterações nas relações sociais e no modo de produção interfere também na noção de cultura. Enquanto como resultado do processo civilizacional, surge o modelo hierarquizado de cultura, em contrapartida temos o modelo de vasos comunicantes possibilitando a relação entre os níveis que antes eram tidos como únicos e com seus próprios públicos.

Democracia cultural na Amazônia: o caso da Escola Circo

Democratização e democracia são palavras que, muitas vezes, podem ser consideradas sinônimas e pertencentes a um mesmo eixo de significado. Entretanto, quando se fala em democratização cultural e democracia cultural existem diferenças.



Este tema é o que norteia as discussões desenvolvidas por Lopes (2007), estabelecendo uma reflexão sobre as políticas culturais e os espaços públicos.

Com a reflexão apresentada no tópico anterior, pode-se fazer uma relação direta entre a democratização cultural e o modelo hierarquizado de cultura. Neste primeiro caso, temos um modelo elitista, descendente e paternalista. Não há a preocupação sobre a relação entre a criação e a recepção das políticas culturais. Desse modo, a democratização cultural, numa descrição simples, tem como objetivo a domesticação dos públicos. E aqui temos um problema: com esse olhar geral, as ofertas culturais existem, mas os públicos não possuem códigos para usufruírem delas em sua completude. Destacam-se duas características mencionadas, entre as seis dimensões fundamentais apresentadas, sobre a democratização cultural:

Concepção fortemente *hierarquizada* de cultura, baseada na tricotomia cultura erudita (*A Cultura*)/cultura de massas/cultura popular. A primeira surge como a única com valor patrimonial, fortemente distinta da alienação consumista da cultura de massas ou da falta de acumulação de poder simbólico da cultura popular, confinada a usos profanos e triviais; [...] Concepção *arbitrária* do que ou não é cultura, subtraindo a sua delimitação à configuração conflitual que lhe está subjacente, o que implica, necessariamente, ainda que por meios dissimulados, isto é, não explicitamente declarados, a economia da compreensão do conjunto de (dis)posições sociais em relação, negando, por conseguinte, qualquer abertura à diversidade. (LOPES, 2007, p. 80-1, grifos do autor).

Em contrapartida tem-se a democracia cultural trabalhando com a diversidade, seja de ações, seja dos públicos. A democracia cultural visa a pluralidade da oferta cultural, assim como a pluralidade de códigos culturais. Os choques entre a produção e a recepção cultural devem ser minimizados e as pessoas necessitam da possibilidade de escolherem, mas, para tanto, também devem ter disponíveis uma variedade/diversidade de oferta para assim fazerem. Entre as principais características da democracia cultural, destaca-se, a partir da reflexão de Lopes (2007, p. 84-90):

- a) Vincular o uso hierarquizados/hierarquizantes da cultura;
- b) Definir a cultura como um direito, portanto, necessita da intervenção do Estado;
- c) Trabalhar a relação entre a criação e a recepção cultural;
- d) Colocar a formação dos públicos no centro e alterar a relação deles com a cultura;
- e) Abrir as instituições e mudar seu funcionamento para abri-las aos públicos;

- f) Desenvolver o espaço público “distémico” caracterizado como um espaço de cruzamentos e interculturalismo.

Diante disso, apontamos como exemplo um projeto desenvolvido pela Prefeitura de Belém (PA) – metrópole de aproximadamente dois milhões de pessoas, localizada na Amazônia brasileira –, no ano de 1997, durante o primeiro mandato de Edmilson Rodrigues, na época, pertencente ao Partido dos Trabalhadores. O projeto Escola Circo, vinculado a Fundação Papa João XXIII (FUNPAPA), surge com a proposta de combater a exploração do trabalho e outras formas de violação de direitos. Os objetivos foram definidos a partir de um diagnóstico sócio-cultural em que o cenário era configurado por crianças e adolescentes trabalhando nas ruas de Belém, provenientes de famílias de baixa renda e com fortes índices de repetência e evasão escolar. O projeto era articulado com outros programas e o trabalho desenvolvido em parceria do poder público com a sociedade civil. Os resultados da Escola Circo puderam ser percebidos nas escolas que mantinham o vínculo com o projeto, reduzindo, principalmente, a evasão escolar e erradicando o trabalho infanto-juvenil das crianças e adolescentes envolvidos.



Figura 1 Sede do projeto Escola Circo: diversidade na oferta e nos códigos culturais.

Se levarmos em consideração a discussão realizada neste ensaio, percebemos que o projeto possui a característica de trabalhar a pluralidade das ofertas culturais. Longe do modelo hierarquizado de cultura, teatro, música, artes plásticas, dança, por

meio de oficinas, chegavam a crianças e adolescentes que, mais tarde, apresentavam-se em espetáculos como forma de divulgar os resultados do projeto. Um dos pontos importantes quando se fala em democracia cultural é a atenção voltada para a criação e recepção cultural. Neste caso, o código era ensinado aos públicos que poderiam utilizá-lo como meio de trabalho posteriormente.

O Circo também possibilita contato mais estreito com as crianças e adolescentes pela aceitação estabelecida entre si, permitindo desenvolver um processo educativo através da arte nas diversas linguagens: teatro, artes plásticas, música, expressão corporal e artes circenses. Através das linguagens artísticas desenvolvidas no Circo, a criança e o adolescente têm a oportunidade de expressar seus sentimentos; ter novas experiências e aumentar sua auto-estima por perceber que é um ser capaz de realizar atividades artísticas e de produzir, fazendo com que possa acreditar em um futuro melhor. É a vivência deste coletivo onde todos se ajudam para que dê certo, onde há uma preocupação presente em garantir a segurança de cada um, para que o grupo esteja seguro, apostando no brilho do conjunto, que permite desenvolver sentimentos solidários e fraternos, os quais são buscados dentro do Projeto Escola Circo.⁴

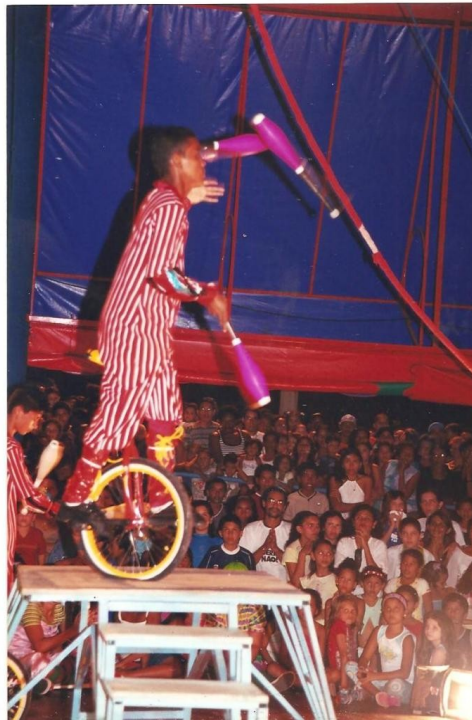


Figura 2 Arte-circense entre as atividades formadoras do projeto Escola Circo, realizado em Belém (PA).

A arte-educação e a arte-circense que formavam a base das atividades formativas do projeto Escola Circo possibilitaram o resgate da cidadania e a valorização da identidade cultural dos públicos do projeto. Entretanto, em 2005, após a eleição de

⁴ C.f. ALVES, Lana Patrícia. **Projeto Escola Circo**. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/57300649/ProjetoEscolaCirco>>.



Duciomar Costa, do Partido Trabalhista Brasileiro, para o cargo de prefeito de Belém, as atividades do projeto Escola Circo foram encerradas, prática que vem se tornando comum no Brasil quando os administradores públicos não possuem o mesmo vínculo partidário e, assim, não dão continuidade aos projetos iniciados em gestões anteriores.

Considerações finais

Este artigo surgiu com a proposta de realizar uma pequena reflexão em torno das características da democracia cultural e do projeto Escola Circo, desenvolvido pela Prefeitura de Belém (PA), com vistas a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, aplicando atividades formativas baseadas na arte-educação e na arte-circense.

A pergunta que guiou este trabalho foi se a concepção de cultura próxima ao modelo dos vasos comunicantes abre caminhos a práticas e políticas culturais associadas à democracia cultural. Nestas últimas considerações, apontamos, diante do exemplo apresentado que, quando se trabalha a cultura de maneira ampla em que os conhecidos níveis de cultura interagem e relacionam entre si, modelo distante da hierarquização de cultura, é possível a realização de políticas culturais que podem ser abarcadas pelas características do trabalho da democracia cultural.

O caso do projeto Escola Circo possui vários pontos de destaque, entre os quais, temos a pluralidade da oferta cultural e a formação de públicos, acrescentando-se a pluralidade de códigos, sem os quais, os públicos não poderiam usufruir em sua plenitude as ofertas culturais. Seria um público domesticado, proposta identificada no que se define como democratização cultural. Deve-se destacar que este exercício é apenas uma pequena reflexão, com algumas fragilidades, diante de um tema principalmente quando se trata de cultura.

Referências bibliográficas

ALVES, Lana Patrícia. **Projeto Escola Circo**. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/57300649/ProjetoEscolaCirco>> Acesso em 22/06/2012.



CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

CRESPI, Franco. **Manual de Sociologia da Cultura**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

LOPES, João Teixeira. **Da democratização à democracia cultural**: uma reflexão sobre políticas culturais e espaço público. Porto: PROFEDIÇÕES, Lda. / Jornal a Página, 2007.

RODRIGUES, Lea Carvalho. Novas configurações identitárias e territoriais no processo de expansão do turismo no litoral cearense. In: 26ª Reunião brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro (BA). **Desigualdade na diversidade**. Brasília (DF): Associação Brasileira de Antropologia, 2008. v. 1. p. 1-24.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture**. Londres: Jonh Murray, 1967 [1871].